

semmais

REVISTA MENSAL DE INFORMAÇÃO GENERALISTA DIRIGIDA A **TUDO O ALENTEJO**

tema de capa

Da terra para a terra

Negócios regenerativos

pág.8



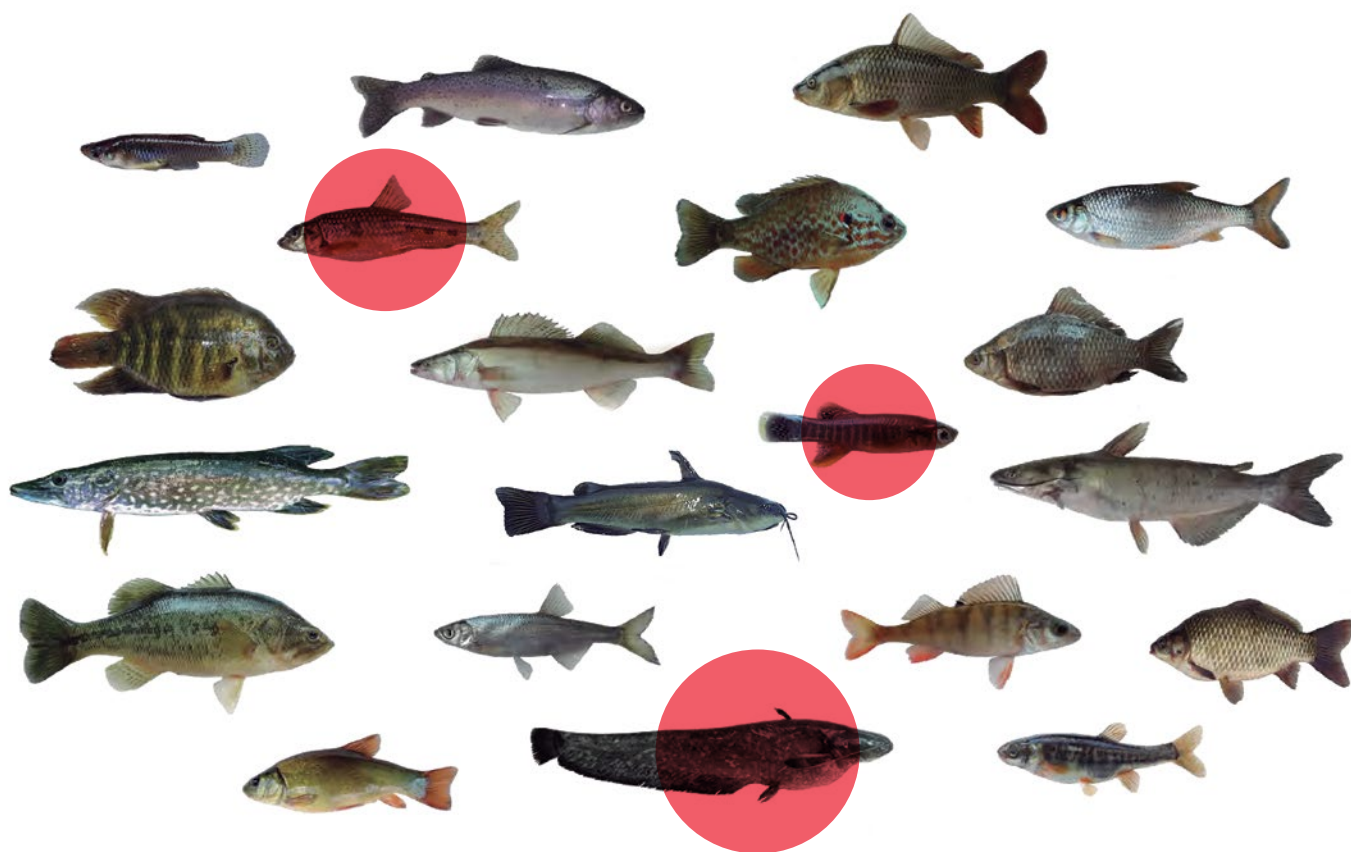
+ José Calixto e
o futuro próximo
do Alentejo Central
pág.30

+ Espécies estranhas
que dão cabo dos
nossos peixes
pág.16

+ A história do barbeiro
ambulante que deu
a volta à vida
pág.22

PEIXES QUE CHEGAM AOS NOSSOS CURSOS DE ÁGUA E DIZIMAM OS INDÍGENAS

Alerta vermelho nos rios



Os prejuízos causados pela destruição das colónias de peixes autóctones, culturas agrícolas e degradação da água são incalculáveis. No Tejo nada um 'monstro' que pode atingir 2,80 metros e come tudo.

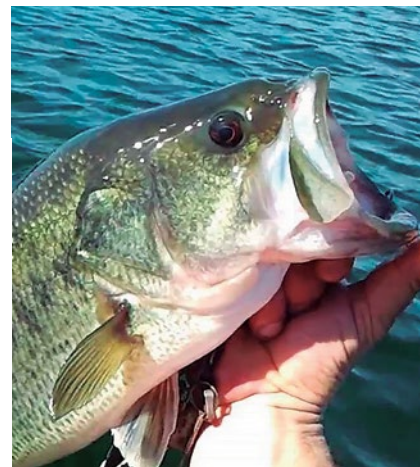
TEXTO JOSÉ BENTO AMARO | FOTOGRAFIA DR

A cada dois anos chega às águas interiores portuguesas uma nova espécie, animal ou vegetal, invasora. O Alentejo não foge à regra e conta já com muitos mais peixes provenientes de outros países e continentes, do que autóctones. A destruição das espécies pelos predadores que se alimentam da fauna indígena é um facto preocupante mas, mais preocupante, parece ser a constatação de, por cada animal ou planta que são ilegalmente introduzidos nos rios e ribeiras alentejanos, aparecerem cerca de 20 outros problemas relacionados com propagação de doenças, normalmente transmitidas por parasitas, pequenos camarões e bactérias que entram 'à boleia' dos exemplares ilegais.

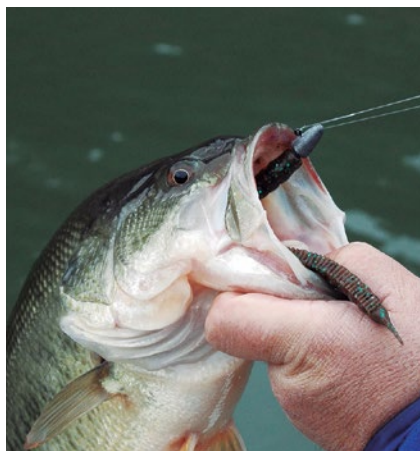
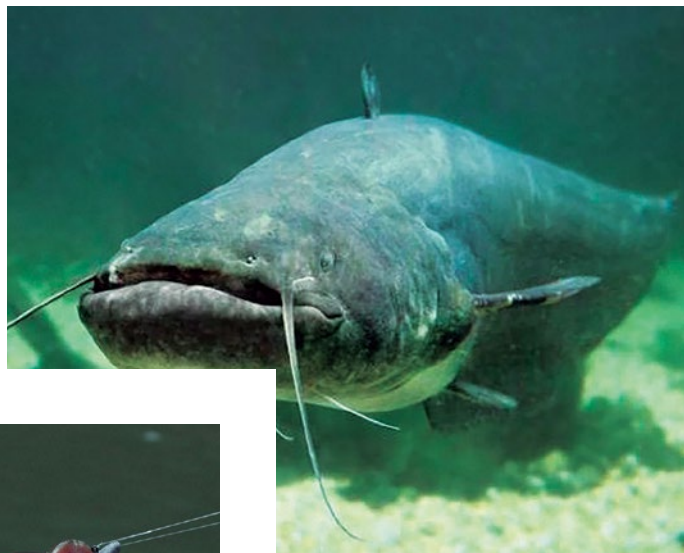
Filipe Ribeiro é biólogo e exerce funções no MARE - Centro de Ciências de Mar e do Ambiente, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Faz investigação há vários anos nos cursos de água alentejanos e não tem dúvidas em afirmar que a região "tem um problema grave em termos de gestão das linhas de água". Esse problema, que começa na necessidade de ter líquido em abundância para satisfazer as operações de rega, consumo humano e produção de energia elétrica, acaba por ser igualmente determinante no surgimento de problemas ambientais. "As barragens são, muitas vezes, fornecedoras de peixes exóticos

para as ribeiras adjacentes, nomeadamente de carpas e achigãs. Essas espécies acabam por chegar aos rios e causar problemas graves às espécies endémicas. Nesse aspeto, acho que a bacia hidrográfica do Sado é a que está em piores condições", referiu à Semmais.

O investigador do MARE diz que ao Alentejo terão chegado, nos últimos 20 anos, nove espécies exóticas. A maior parte passou para os cursos de água da região vinda de Espanha. São peixes que acabaram por ser introduzidos, na maior parte das vezes, por pescadores desportivos. "Todos temos a obrigação moral de impedir a extinção das espécies e de tentar compatibilizar as atividades humanas com a biodiversidade", disse Filipe Ribeiro, lembrando que a libertação de espécies invasoras para ribeiras e rios causa um efeito bem diferente do provocado pela sua existência em barragens. "Não é por acaso que atualmente se podem pescar carpas e achigãs (talvez as espécies invasoras predominantes, que até há pouco estavam sujeitas a defeso e tinha de ter 30 centímetros de comprimento para poderem ser capturadas) de todos os tamanhos nos rios e ribeiras", salienta o investigador, lembrando que tal é uma das medidas adotadas para melhor controlar espécies invasoras que, pelos seus hábitos e comportamentos, reduzem as populações autóctones.



Tejo, Sado, Degebe, Guadiana são os rios mais afetados



Biólogo afirma que maior parte dos 'souvenirs' vem de França

O segundo país de maior proveniência de peixes invasores é a França. Para o biólogo estes espécimes são trazidos para Portugal por emigrantes que regressam em férias. “Muitas pessoas, sobretudo pesca-

dores desportivos, não conhecem os efeitos nocivos que causam no ecossistema devido aos seus atos. Outras pessoas, na possibilidade de obterem lucros elevados em períodos relativamente curtos, não se importam de ter determinadas espécies, como o achigã, nas águas das áreas onde residem. Sabem que estes peixes atraem muitos pescadores e acompanhantes e que tal facto gera negócios e, por isso, nem sequer se importam se essa espécie está a comer outra que é indígena”.

Entre as espécies invasoras mais frequentes no Alentejo predominam as carpas, que chegaram ao país ainda antes de 1800 e que hoje se encontram quase sempre em barragens, e os achigãs, oriundos da América do Norte e introduzidos em 1953, sobretudo no Sul do país e com o intuito de desenvolver a pesca desportiva, sendo também predominantes nas barragens.

Depois nas águas correntes, a situação agrava-se com a presença da gambúsia (vulgarmente conhecido como peixe sapo), que foi trazido da América do Norte, em 1950, para supostamente combater a malária. Em 1978, igualmente proveniente da América do Norte, chegou a perca sol. Terá vindo de Espanha e os pescadores desportivos são os responsáveis pela sua disseminação pelo Alentejo. Outro dos ‘clientes’ indesejados dos cursos de água do Sul são os chanchitos, um peixe ornamental que foi trazido do continente sul-americano em 1940. Trata-se de uma espécie territorial e muito agressiva, sendo um dos principais exterminadores das indígenas.

Se estas são espécies que acabam por comer os peixes autóctones, outras há que causam grandes prejuízos na agricultura. É o caso dos lagostins de água doce, que arruinam arrozais e outras culturas. “Está provado que os lagostins de água doce provocam prejuízos nos arrozais portugueses na ordem dos 43 euros por hectare. São responsáveis por perdas na produção que se estimam em 40 por cento”, explica Filipe Ribeiro.



Sensibilizar alunos e pescadores

O controlo das espécies invasoras passa, atualmente, por determinar as suas rotas até chegarem aos cursos de água portugueses (Projecto Frisk) e por promover ações de sensibilização, para evitar que esses animais e plantas entrem nos ecossistemas nacionais. No Alentejo, para além do Tejo, há problemas graves no Sado, no Degebe, no Guadiana e na Ribeira de Vascão. Os biólogos e investigadores tentam salvar as espécies autóctones promovendo ações formativas em estabelecimentos escolares, mas também junto dos pescadores desportivos, que são muitas vezes os responsáveis pela libertação de espécies proibidas. À população estudantil os peritos do MARE apresentam filmes que dão conta dos danos causados pelos invasores, seja porque matam as indígenas, seja porque destroem a qualidade da água e as culturas adjacentes.



'Leão' do Tejo e mexilhão zebra são perigos eminentes

Se invasores como percas, achigãs, chanchitos, peixe-gato ou lúcius podem dizimar populações de verdemã, barbo ou caboz de água doce, e se as carpas, pimpões e alburnos conseguem alterar a qualidade da água e até adulterar as espécies originais (os alburnos cruzam-se com os indígenas escalos e bordalos), já o siluro é o verdadeiro terror das águas interiores.

Filipe Ribeiro não tem dúvidas: “É como se fosse um leão e, como bem sabemos, não há nenhum animal que coma leões. Os siluros fazem caçadas”, afirma o biólogo, traçando deste modo o grau de perigosidade de um exemplar que chegou a Portugal em 2006, proveniente de Espanha, de onde entrou através do Tejo.

“Para já os siluros estão identificados, em território nacional, apenas no Tejo. A situação é muito grave, porque as populações desta espécie são muito numerosas e es-

tão fora de controlo. Há muitos milhares de exemplares nas barragens portuguesas do Tejo, no Fratel e em Belver, e no lado espanhol, em Cediillo. Se um dia chegarem ao Guadiana, então será um desastre”, afirma o investigador.

O siluro chega a atingir 2,80 metros de comprimento e a pesar 120 quilos. Todos os dias precisam de consumir alimentos (outros peixes ou animais que vivem nos rios) numa proporção equivalente a dois por cento do seu peso. Ou seja, se um exemplar pesar 100 quilos, precisa de dois quilos diários de alimento. “Fazem caçadas organizadas aos barbos, quando estes se encontram na desova. Arrasam, literalmente, as outras espécies”, afiança ainda.

Para Filipe Ribeiro é urgente que se façam ações de sensibilização junto dos pescadores desportivos. “O Estado deve promover um programa de remoção do siluro e os pescadores profissionais devem ser

chamados a colaborar. Têm de ser agentes de controlo. Em Espanha, no Guadiana, existe um peixe, o góbio de boca subida, que quando adoece chega a causar a morte de 80 por cento de todas as restantes espécies nativas. Para combater este imenso problema, chegam a isolar-se trechos de rio e a envenenar a água, só assim se matando os góbios”.

Sem a fama de exterminador implacável, mas igualmente problemático, está também o mexilhão zebra. É uma espécie que, para já, não está identificada em Portugal, mas que já assoma nas fronteiras do Alentejo. A EDIA - Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas do Alqueva, teme que possa chegar à barragem e que, à semelhança do que já fez no outro lado da fronteira, se introduza nas turbinas geradoras de eletricidade. “No rio Ebro, nos últimos dez anos, originaram prejuízos de 30 milhões de euros”, concluiu Filipe Ribeiro. ■

